



T Á B U A

Pag:

I - Sempre o mesmíssimo espetáculo	1	2		
II - Vamos com o Sol	1	2	3	4
III - Afastemo-nos, se queres				
IV - Eu o vejo um poeta	1	2	3	4
V - Vá! passou o negro humor	1	2	3	
VI - Inda uma vez me encontro	1	2	3	
VII - Guiado pelo teu líquido ressão	1	2		
VIII - Quebra-se o ovo da noite	1			

LETRAS FLUMINENSES - 1988

Orelhas do livro

O MAR. O MAR

foi escrito entre 1982/88
e lido por Hugo Tavares, Carlos Couto,
Celio e Flavio Moreira Placer

Diagramação: do Autor
Composição e Arte Final: Ronaldo Cunha
Coordenação Gráfica: Edivar Palma
Composição, fotolitos, impressão e acabamento:
Reprograf Artes Gráficas Ltda., em Niterói, RJ.

Terminou a impressão em
13 de maio de 1988

I

SEMPRE

o mesmíssimo espetáculo sempre
OS DESTROÇOS NA AREIA

Entre sobra sobejo tanta sujidade na manhã
os urubus, xô! vorazes
descobrem a carcaça rejeitada à praia na ressaca

UM CAVALO
Um cavalo baio grande porte amplo tórax

Potro ontem, talvez tríplice-coroadado de hipódromo
Hoje, ah! ao Sol
Injúria vômito do mar gula-fúria
de ABUTRES

Agora
cavalo morto
halo morto
no sal sujo

2

PENSAR que para tantos inexistente o mar!

Há os que literalmente o ignoram

Há os que nunca o viram

Há os que fazem dele vazadouro

Pacientemente o mar enjeita restos e agravos

(Porque - um Grande - se havia de ofender?)

e junto às Cidades se aproxima

COMPANHEIRO

Ô mar aí-está. O unânime

mar de todos

mar de cada um -

dos sem piscina, os do povo, presentes

em multidão por toda parte ávidos de vida

3

SOB uma palmeira só

um homem vem sentar

Gaivotas rompem da onda rumo às pedras da ilhota

II

VAMOS com o Sol! Os jovens

não têm olhos pra fealdade. Os jovens desafiam
Fazem-se ao mar com seus lisos barcos:
carenas em riste contra o empuxo das vagas

agudas

Indagora
os praieiros partiram velejando lá pro largo-longe
Nada de gritar: Tchau! Tchau!
Os olhos os alcançarão na distância, pontos alvos
- móveis -
todo o espaço azul de domingo no mar

Argonautas
voltarão sobre a tarde de seus périplos
Esportivos! ó graça e garbo moreno de ginastas
Valeu a pena
se *uma* vez você! fitou assim a luz

2

MARAVALHAS brancas aos milhares de papel picado...

Na angra, o conforto civilizado da marinha
Ordenada desordem

no ancoradouro moram os barcos
mastros oscilam
enfunam os panos

Uma tela. Com a Ponte ao fundo e a Serra
o céu escurece

O mar oliva

Esperemos que venha a chuva

E vem! E vem! A chuva golpeia riscos oblíquos

Olha a tela

– marina e mar –

com seu povo de velas é entintado

que o pintor exigente esfregou borrando as cores...

3

FANTÁSTICO quanto o sonho, o nítido real –

Quando o dia é já menos dia

e o Sol ausente rosea o céu de baixo a alto

- um *bateau mouche* passa ao longe. Não tão longe
que não se distingam lanternas coloridas a oscilar
gentes, alegres navegantes garrafas gargalhadas

Imagina a bojuda nau dos insensatos!

E de um (ébrio?) gesticulando pro vinoso mar
esta recitação de pierrô ouvi:

*Si es preciso reir
quando el alma llora
Si es preciso llorar
quando el alma rie
Vamos reir e llorar
mi alma ahora
que un muerto corazón ya nada es...pe....ra!*

4

SETEMBRO foi-se o vento

As amendoeirias da praça desfolham rebrotando verdes novos
Gerânios e gerânios vermelhos na fachada branca do

SENHORA DOS NAVEGANTES

e nada disto te diz nada

Citadino –
os ponteiros te cronometram
telefonemas te acossam
tens cada dia agressivos negócios, e teus amores

Porém
nenhum negócio mais importante nenhum
do que teu relacionamento com o mar
que te chama

Apenas, embora o nomeies poliglotamente
– Mar Mer Mare Meer Maro Sea Talassa -
convém lembrar que tratas com um Grande
uno e íntegro, um Grande

5

QUEM é o Mar?

Que homem rastreou as reentrâncias desse domínio real?
Não questiones! – o mar ama ocultar-se

Uma coisa eu digo: não é vão o seu chamamento
Ferah, ele te aguarda de mãos cheias
pra te advertir– não lamentos
Compreende
Compreender é o princípio e o fim

III

AFASTEMO-NOS, se queres, deste humano mar!

Afastemo-nos, se queres, deste demasiado humano mar!

2

POR vontade –

que os elementos nos levem por essa solidão sem trilhas
de águas águas águas águas águas
pro maralto de virgens ilhas, primitivo arvoredor, onde
ininterruptas ondas marulham noitadia
pra ninguém

É lá que a procelaria aninha nos rochedos
Não é lá que te sonhas quando a náusea te açoita?

Lá, nos confins, rege e manda Oceano-rei
Aplaca, se lhe apraz, as fúrias enviando cem alegres golfinhos

Que pra sequestrar do canto das serenusas os companheiros
o solene Ulisses calafeta de cera seus ouvidos
faz-se, ele-próprio, com fortes cordas amarrar ao mastro

Lá (não o tornei presente?) é desde sempre
o mar-maravilha azul

de Homero

IV

EU O VEJO um poeta que escreve com o vento e a água

Suas frases? – As ondas
eterna recorrência, cimentada pelo verde pela espuma
Cada lufada arma seus períodos, unidades
sem retórica (a necessária quando irado)
Cada boa palavra em seu lugar:
 foco para o olho, *adagio* ou *agitato* ao ouvido
Certo afinadas metáforas:
 arfar bramar marrar mugir e tantas
É um discurso enxuto o molhado discurso do mar
– Que dizem seus rolos? Sua escrita, que diz?
O mar diz nada
O mar diz nada porque sabe. O mar só alude

2

O MAR É COMO A LUA, HÁ MUITAS LUAS

Há muitos mares –

o salso mar o mar aventureiro o mar divino
o gelado mar o mar metálico, iroso e latidor
o mar Mediterrâneo, nosso berço latino
o mar das novas vias o mar dos marinheiros
o mar-origem o mar do mito o mar libertador
o mar que sempre foi o mar-arquétipo
o mar-espelho das constelações
o mar das arpoadas moby-dicks
o mar do *Calipso* o mar da Antártida
o mar dos petroleiros dos *liners* dos pescadores
o mar do iate gelo do miliardário Dourado
o mar dos afogados dos suicidas
o mar onde se banha Iemanjá, e suas filhas
o mar que vem quebrar à tua porta
molhar tuas raízes
O MAR. O MAR

3

SEU perfume: mirra, Tragam os turíbulos

Tragam depressa as navetas de prata!
Queimemos arômatas
ao de ondulada melena, queimemos arômatas!

*Louvor a seu nome!
Honra a seu poder!
Ao seu reino glória!*

Quando transita, manto de coral, tridente bronzeo
grão-senhor. Oceano acaricia com o olhar

ondas peixinhos velas e para nós
– os seus – pios adorantes, benigno sorri

Louvor a seu nome!
Honra a seu poder!
Ao seu reino glória!

A Ti, divino dáimon, sacudidor da Terra
que ocultas e preservas
no mais profundo de teu numeroso coração
nossa vontade e negócios –

DÁ UMA TRAVESSIA TRANQUILA AO NOSSO BARCO!
DÁ-NOS EM DIA PROPÍCIO A CHEGADA FELIZ!

4

POSSIVELMENTE uma noite sonharás com o mar

– Conta!

Quero ouvir a tua luta com o mar-oceano
Ressonha em palavra, conta! conta!

– Repentinos vagalhões até o céu
e medonho medo dentro dos corações
As sirenes gritavam! As sirenes
Eu bracejava com os cavados turbilhões milhões montões
Gritos Desespero. Gritos
A noite era um acúmulo de noites...
No lusco-fusco o relâmpago iluminou
a moça nua na prancha:

"OLHEM COMO SOU BONITA! OLHEM MEU CORPO! ME SALVEM"
(pequenas meias-luas de metal
eram seus seios)
"Me salvem! Me sal...vem! me sal...!"
E a negra onda a recobriu

5

(V EM, rei bárbaro!

Com impropérios-çoites contra teu erigido lombo
Vou te dizer o que penso!

O homem te invoca ó mar
porque treme à tua turgência
ao teu assanho variável, imprevisível ó bruto!

Que faz o pirata? saqueia à mão armada
Tu saqueias o pirata. - Pra que armazenas tanto
tanto em teu arsenal e escutas grutas? Tigre
tritador de ossos grotesco, isso tu és ó louco!

Era preciso que alguém te arrostasse
Aí-está e mais não digo –
Cuspo em ti ó mar)

V

V Á! PASSOU PASSOU O NEGRO HUMOR

Voltemos a fumar o cachimbo da paz!

Foi como tuas montanhas contra
arquipélagos contra arrecifes contra
o farol da barra
Pois muito nos parecemos – Pulsional
semelha ao teu meu coração de mar

Sentemo-nos à mesa de-novo
bons sócios, água que se derrama em salina
dialoguemos!

Quantas vezes
mantivemos marítimos
diálogos de silêncio

Quantas vezes
vim jogar contigo, vim
e não faltaste
E NÃO FALTASTE

2

TE compreendo, mar!

(no patamar dos quarenta alguma coisa se desaprendeu)

Te compreendo, mar! consumindo a ferros
entre iras e justiça entre assomo e crispação
um destino em chamas

Fica do outro lado dos astros o ouro, e o nome?

Vislumbra – e atira a tumba maranha pelos teus degraus
Enraiveces – e arremessas teu corpo de calibã
Lanças rancos regougos pralém de ti que atroam e atroam

Jazes

Ah! cada vez deves tornar e tornar a tuas marcas
curva linha que se fecha sobre si

Tornas, ó só! ó forte!
mas – sempre desperto – recomeças...

VI

I NDA UMA VEZ ME ENCONTRO JUNTO AO MAR

Aqui, neste braço-de-mar
não é a certa palavra tropelada na voragem
(até o turbilhão da aeronave é coisa de instante)
Grato aqui vir e meditar; ouvir

Lições de mar!
Onde ele sabe graves grávidas verdades
somos canhestros aprendizes -
 É um ancião de barbas brancas muitas rugas
 É um liberto sem memória que vive no presente
 É um olímpico o velho sempre-moço mar

Quando a alguma coisa difícil (e alta) você aspirar
tão difícil quanto rara
 é o reiterado chamado em você do mar.
 - Obedece

2

E depois de a todas as coisas aludir

alude o Grande ao tema dos temas
– Qual? talvez pergunte
O que toda-gente oculta à chave
guarda reguarda amarga

Que diz ele ao limpo de

candelabros latins morridas rosas
àquele que não tenta já salvar a hora em novo espelho?

Um dia, e era junto a umas dunas
este diálogo estrangeiro me trouxe o vento -

"You're in the time, sonny boy. It belongs to you.

You're in the time."

"Yeah, but a little bit only."

*"Oh, this ancient defect, living,
death cure us from it."*

"E dopo?"

*"What? Yeah, to walk over a sea
that will flow to another
endless bigger sea..."*

Suponho, se entendo corretamente
que o velho quis dizer:

– A eternidade é este agora;
outra qualquer, uma projeção
que podemos esperar ou não

Mas eu, jogarei migalhas aos peixes?
Sorrirei em torno os três risos?

3

NA balaustrada da muralha, lavada
escada de granito que leva à praia
O JOVEM PAR

Deixaram inda há pouco o praia-bar
abraçados – invulneráveis – e ressoavam
atrás deles sons de *blues*

Caia a tarde. Os amantes

saíram à margem da maré -

Era o amigo & a amiga

Era a amada & o amado

O primeiro homem & a primeira mulher
e manifestamente mar-terra-ar os aprovavam

Enquanto a preamar avolumava

corriam - balé - os pés molhando na onda

Corriam, singrando o agora, descartando do mar
o mar, ganhado em chama

4

O mar é um convite a mudar

Muito daquilo que em ti viveu

foi, finiu e há muito

(mais do que imaginas)

é escória vã glória lastro te proibindo o voo

Admito: não é fácil mudar

Dizer *não*

pois sanados até de antiga mazela

cultivamos a nostalgia do velho veneno

Te expuseste? Esperaste contra toda esperança?

Certo em teus porões fermenta vidas não-vivida

ai! que nutre teus ódios

Ora, aí está ele. O convite amorável

O mar que te estende a honrada mão e te insta a mudar
mudar mudar mudar; ele diz

mudar , *ser outro*. Não discutas, mudar

VII

GUIADO pelo teu líquido ressôo

em círculos te contornei
até em teu lugar te apreender
até em mim te situar

Mar - corpo feliz da natureza
Ali, em teu centro, te reconheci:
estar-junto do teu apelo junto de mim é estar
colaços, nosso conjunto rumo escavando por dentro

Mar - corpo maior da Natureza
Em tuas balizas o roteiro inteiro vislumbrei
Não me desgarro. Ou se refluo
e aqui desgarro, logo ali me reinicio

Assim, depus no móbil da onda a indigência
Na concreção do sal edifiquei
e desengano não provei

Mar - corpo maior e feliz da Natureza

2

FAZ noite. O mar não se deixa ver

só se deixa ouvir. Na treva
brilham rebrilham maravilham
reflexos multirreflexos reflexos trêmulos

Mar à noite. O mesmo mar
mas não o mesmo mar do dia

Odor a iodo de-longe brandamente
Míngua no escuro a singularidade das coisas
Anulam-se os significados os sons profanos
anulam-se e é tudo enigma-espanto

Rápido
este derradeiro reboco se soverte num oco
e vem
vem a feroz pureza de ser-um com o universo

Faz noite e mar

VIII

QUEBRA-SE o ovo da noite

A primeira claridade
é brando linho, prenuncia

AURORA

Já a reta do horizonte azula maravista
Curva espraia a onda
E a areia sem figura afigura

VASTIDÃO

O momento chega de despedida
Despedida sem adeus. - Somos do mar
Como o filho nas entranhas da mãe
como o caroço dentro do fruto

SOMOS DO MAR

E eu canto
da colina do júbilo
da colina da perfeita alegria

2

Canto

e no próprio cantar
inda me encontro

Poder caminhar sem guia
Deixar para trás amarras
todas as margens

Ó conhecimento que ama
ó amar que conhece –
arquipélago visão meiodia

3

V OU – e daqui não me aparto

Aqui
os pés fiéis à terra
na hora justa
O TEMPO MAREADO, JÁ

Alguém
que um punhado de areia aperta nas mãos
e a ergue – em taça

Aqui estou desde o princípio
Outro e mesmo. Sempre
MAR

ORELHAS

LIÇÕES de mar: mudar compreender, edificar morrer.

Junto à orla do mar agora e sempre.

Poema em oito movimentos, sequência livre, afigurações, visualidade.

E o tema (tópico na literatura) de modo ambicioso empenha-se em ser menos tópico: mar-arquétipo.

O meditador? Você mesmo. leitor possível: homem da Cidade e no Mundo. Sim, absolutamente você e o mar.

Aqui, convocada a experiência, imagem e pensamento O MAR. O MAR quer só e tão só apontar para a Poesia.

XP.